

MAJESTADES DA FOLIA

A INFLUÊNCIA DO “IMAGINÁRIO MONÁRQUICO” NAS MANIFESTAÇÕES DO RIO DE JANEIRO

Nelson Lima

O artigo percorre um roteiro sentimental pelo Cais do Porto do Rio de Janeiro no século XIX seguindo os passos de Dom Obá II, príncipe d'África, e do babalorixá João Alabá e de sua mãe pequena, a famosa Tia Ciata, para resgatar as sobrevivências de um imaginário monárquico brasileiro nos hábitos culturais do povo do Porto: tatuagens, indumentária, música, dança e outros. Sobre essa vida popular lança-se o olhar tenaz de João do Rio, acusando esse “monarquismo” popular como se ele tivesse um caráter restaurador, revolucionário e meramente ideológico. No entanto, o tempo mostrou por meio dos ranchos e carnavais que os reis, rainhas e imperadores de outrora participavam somente renasceram como expressão de uma saudade, em marchinhas e, posteriormente, nomes de agremiações carnavalescas e sambas-enredos.

**CARNAVAL, BRASILIDADE, SAMBA, PEQUENA ÁFRICA,
MONARQUIA, DON OBÁ II**

LIMA, Nelson. Majestades da folia: a influência do “imaginário monárquico” nas manifestações do Rio de Janeiro. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 107-114, 2009.

Em 1893, na rua Barão de São Félix, na região da Central do Brasil, foi mandado demolir pelo prefeito Bento Ribeiro o maior cortiço do Rio de Janeiro, o Cabeça de Porco, nome pelo qual também se apelidam, até hoje, as habitações insalubres que aglomeram pessoas. Nesta mesma rua, que se inicia nos jardins suspensos do Valongo e margeia o Morro da Providência, primeira favela do Brasil, moraram dois importantes personagens da história popular carioca, os baianos João Alabá e Dom Obá II, príncipe D'África. Era a “pequena África” no Rio de Janeiro, relatada por Moura (1983) e Silva (1997) em suas obras sobre Tia Ciata e Dom Obá. Aliás, Tia Ciata foi “mãe pequena” no terreiro de João Alabá, ou seja, a sua substituta direta neste terreiro que se localizava exatamente no local do atual terminal rodoviário Américo Fontenelle. O que guardarão os subterrâneos do bizarro terminal de ônibus?

Tia Ciata é considerada matriarca do samba e começou a formar suas influências culturais com João Alabá, provavelmente no primeiro terreiro de candomblé do Rio de Janeiro, fundado em 1886, descendente direto do famoso terreiro da Barroquinha em Salvador. Foi o pintor Heitor dos Prazeres o primeiro a chamar a região que ia da Praça Mauá até a Cidade Nova de “mini-África”.

Há duas versões sobre a origem do samba carioca que parecem não se misturar: a de que ele nasceu espontaneamente das reuniões de Tia Ciata na Praça Onze ou a de que ele é uma continuidade do samba praticado na Bahia, trazido pelos praticantes de candomblé e capoeira e praticado na Pedra do Sal, zona portuária. A celeuma em torno do que é samba carioca e do que é samba baiano é mais uma discussão cultural purista, pois, geograficamente havia um *continuum* entre o Cais do Porto e a Praça Onze ligado pelas ruas Sacadura Cabral, Camerino, Barão de São Félix, Bento Ribeiro, Rua Larga (atual avenida Marechal Floriano) até a *Gare* Dom Pedro II. Seria adequado, então, limitar a origem do samba somente à Praça Onze?

UMA INVESTIGAÇÃO ANDARILHA

Torna-se mister investigar as modificações ou adaptações que o samba e outras manifestações culturais locais sofreram nessa região, não se restringindo às influências afro-descendentes, embora não percamos de vista que tais referenciais culturais eram dominantes. Algumas perguntas são pertinentes:

- a) Houve um contato entre João Alabá, Tia Ciata e Dom Obá, que conviviam na mesma rua e eram contemporâneos? (Quando Dom Obá faleceu em 1890, Tia Ciata tinha 36 anos de idade e muitos filhos)
- b) Sabe-se que Lalu de Ouro, ogã de João Alabá, introduziu os ranchos no carnaval carioca, principalmente aquele chamado “Rei de Ouro”. Os ranchos trouxeram o conhecido formato utilizado nas futuras escolas de samba: porta-bandeira, porta-machado e batedores, ou seja, escoltas do panteão da agremiação, ou o que depois ficou conhecido como mestre-sala. O formato de “auto” também tem origem nos ranchos. Será que a única influência que as futuras escolas de samba sofreriam foi dada diretamente pelos “au-

tos” religiosos do interior do Brasil ou então algo, ou muita coisa, foi inventado levando-se em conta certos valores comungados por todos?

c) Dom Obá era considerado representante político da Pequena África perante o Imperador Dom Pedro II, em suas reuniões dominicais no Palácio Imperial de São Cristóvão. Quais teriam sido as formas populares de se substituir a ausência do Imperador após a Proclamação da República? (segundo relatos de João do Rio, a Monarquia continuava popular nos primeiros anos do século XX)

d) De que forma o processo de criação cultural na região da Pequena África e do Cais do Porto provavelmente foi alimentado pelos relatos diretos de Dom Obá sobre os cerimoniais da corte de Dom Pedro II?

e) Os próprios imigrantes portugueses que residiam na área do Morro da Conceição já traziam referenciais monárquicos fortes de sua terra natal. Como teriam se mesclado à forte tradição afro-descendente local?

DESCOBRINDO O IMAGINÁRIO MONÁRQUICO

Havia um “imaginário monárquico” forte, vigente entre afro-descendentes e portugueses, como relata João do Rio – a referência encontra-se em Barreto (1997) – e a futura formação das escolas de samba se beneficiaria do consenso em torno desse imaginário consolidado. Outras influências culturais também devem ter se mesclado a essas influências dominantes.

Em minha tese de doutorado (LIMA, 2001) discuto a atualidade do “imaginário monárquico brasileiro”, representado pela “entronização” popular de reis, rainhas, impérios e reinos, como referência de excelência e talento nas atividades econômicas e no carnaval: Império Serrano, Império da Tijuca, Rei do Bacalhau, Rainha do Samba (Carmem Miranda) e Rei do Futebol (Pelé). Na perspectiva de “inversão” de papéis que o evento liminar do carnaval proporciona na sociedade brasileira, segundo Da Matta (1980), assim como a rainha do samba pode ter nascido em Portugal, por acidente, o rei do esporte, inicialmente inglês e aristocrático, é um negro do interior do Brasil. O próprio Dom Obá representou o primeiro “ensaio” de inversão de papéis sociais através da cultura e de um momento liminar: as cerimônias públicas do imperador Dom Pedro II.

Pretendemos investigar tais hipóteses nesta pesquisa e inseri-la em um amplo levantamento das atividades culturais da região do Cais do Porto. O Afoxé Filhos de Gandhi do Rio de Janeiro é datado de 1956, fundado quatro anos depois do seu antecessor em Salvador. As suas primeiras sedes sempre se localizaram próximas ao antigo terreiro de João Alabá, na região da Central do Brasil. Eu conheci pessoalmente as antigas sedes do Afoxé.

É pertinente que a nova sede do Afoxé, na Rua Camerino, ao lado dos jardins suspensos do Valongo, seja transformada em um centro cultural de referência para toda a região do Cais do Porto e que possam comportar todo o acervo existente sobre a região. É preciso enfatizar a importância do Afoxé Filhos de Gandhi como uma instituição sobre-

tudo cultural, embora também religiosa. Isto fará desse futuro centro um espaço inclusivo para todas as comunidades da região. É importante fugir de rótulos pejorativos religiosos, para que haja bom convívio com a expressiva vizinhança evangélica local.

O mote do “imaginário monárquico” torna atrativa também a participação da comunidade portuguesa do Morro da Conceição, adjacente ao Valongo, e poderá resultar em depoimentos documentados sobre os trabalhadores da estiva que em sua maioria eram monarquistas, como é relatado por João do Rio. (BARRETO, 1997) Os conflitos populares que ocorreram com a Revolta da Vacina, em 1904, estão muito relacionados ao não reconhecimento da autoridade do governo republicano diante desse imaginário monárquico que ainda é importante no Brasil.

O IMAGINÁRIO MONÁRQUICO NA LITERATURA

João do Rio relata, no capítulo “Os tatuadores” (BARRETO, 1997), algumas passagens reveladoras sobre a persistência e a força do imaginário monárquico no seio da população do Cais do Porto em plena República Velha no ano de 1908. Os tatuadores (“perto de trinta marcadores”) localizavam-se ao longo da rua Barão de São Félix; perto do Arsenal da Marinha e nas ruelas do bairro da Saúde. Ele procura reforçar a ideia de que ele mesmo não é monarquista e de que tal adesão não está restrita à comunidade portuguesa.

Hoje toda a classe baixa da cidade é tatuada – tatuam-se marinheiros, e em alguns corpos há o romance imageográfico de inversões dramáticas; tatuam-se soldados, vagabundos, criminosos, baregãs, mas também portugueses chegados da aldeia com a pele sem mancha, que a influência do meio obriga a incrustar no braço coroas do seu país [...]. Pelo número de coroas da monarquia que eu vi quase todo esse pessoal é monarquista. (BARRETO, 1997, p. 66-67)

Anos antes, em 1904, a Revolta da Vacina sacudira a região em uma desobediência civil generalizada às campanhas de imunização em massa implementadas por Oswaldo Cruz. O Cais do Porto não era meramente um foco anti-republicano a ser extirpado junto com as epidemias de tuberculose e febre amarela, mas uma região que não abandonou o seu sistema de valores e crenças, a sua fé e gratidão à autoridade do antigo Imperador e, talvez mais ainda, à Princesa Isabel, “libertadora” dos escravos.

Quase todos os negros têm um crucificado [tatuagem]. [...] Esses negros explicam ingenuamente a razão das tatuagens. [...] Hesitam, coçam a carapinha e murmuram, num arranco de toda a raça, num arranco mil vezes secular de servilismo inconsciente: Eh!Eh! Pedro II não era o dono? (BARRETO, 1997, p. 67).

No capítulo “Cordões” (BARRETO, 1997) descreve-se o nascimento dos cordões carnavalescos (como o já citado Rei de Ouro, por Hilário Jovino de Souza, ogã no mesmo terreiro de João Alabá em que Tia Ciata foi mãe-pequena ainda em 1893), e João do Rio percebe claramente que a tendência popular monarquista encontra no carnaval um meio de expressão, contudo sem a negação ao *status quo* republicano, fazendo questão de reforçar os hinos ufanistas e patrióticos, tão caros às Forças Armadas. Os cordões foram recebidos até no Palácio do Itamarati pelo presidente Floriano Peixoto. Corroboram-se as

suspeitas de que era no carnaval que afloravam todas as tendências monarquistas da “turba”, como João do Rio chamava o povo com desdém. Porém, tal preferência não vinha acompanhada com uma flagrante negação à ordem estabelecida.

A origem dos cordões é o Afoxé africano, dia que se debocha da religião [...]. Há dois fiscais, dois mestres-salas, um mestre de canto, dois porta-machados, um achinagu ou homem da frente, vestido ricamente. [...] Nenhum desses grupos intitula-se republicano, republicanos da Saúde, por exemplo. E sabe porquê? Porque a massa é monarquista. Em compensação abundam os reis, as rainhas, os vassalos, reis de ouro, vassalos da aurora, rainhas do mar, há patriotas tremendos e a ode ao Brasil vibra infinita. (BARRETO, 1997, p. 147)

No capítulo “Velhos Cocheiros” (BARRETO, 1997), João do Rio conversa com os dois mais antigos cocheiros do rio: Braga e Bamba, ambos com mais de 60 anos e que trabalharam na fazenda ponto, na Estrada de Ferro Central do Brasil, conduzindo principalmente os passageiros de primeira classe dos trens que vinham do interior descendo da Serra da Mantiqueira e de Minas. Braga, ao ser perguntado o que pensava da Monarquia e da República, respondeu:

A Monarquia tinha as suas vantagens. Era mais bonito, era mais solene. Não vá talvez pensar que eu sou inimigo da República. Mas, recorde, por exemplo, um dia de audiência pública do Imperador. Que bonito! Até era um garbo levar os fregueses lá. Ó Braga, onde estiveste? Fui à Boa Vista! Hoje todo mundo entra no Palácio do Catete. Não tem importância. É verdade que o [Dom] Obá entrava no Palácio. Mas era príncipe. E então para conhecer homens importantes não precisava saber-lhes o nome. Os ministros tinham uma farda bonita, o Imperador saía de “papo de tucano”. Bom tempo aquele! Hoje a gente tem que suar para conhecer um bom ministro. Parecem-se todos com os outros homens. (BARRETO, 1997, p. 120)

Nesse depoimento, um homem idoso, pobre e branco, pois, João do Rio fala da vermelhidão em sua face, recordava com doce saudade dos tempos em que conduzia um príncipe negro pelos portões da Quinta da Boa Vista para ser recebido por Dom Pedro II, Imperador do Brasil! Nada mais revelador! Em outras sociedades com forte recorte racial, talvez essa memória fosse motivo de perplexidade! Mas, tal inversão parece algo natural, principalmente no meio do povo, muito mais do que entre as elites republicanas, que, no caso, o mulato não-declarado João do Rio representava. Eis outra inversão tipicamente brasileira!

Dom Obá e Dom Pedro II continuavam fortes no imaginário popular. Sem a Monarquia, eles se confundiram ou foram confundidos em uma espécie de delírio popular que misturava a coroa imperial e seu “papo de tucano” com as penas tribais africanas de Dom Obá em uma espécie de satirização carnavalesca, que nada mais era do que uma expressão coletiva de saudade! A República, de costas para o povo, ainda vendo-o como “bestializado”, pode ter percebido aquelas manifestação dos anos de 1906 e 1908 como um triunfo que levava finalmente o povo a ridicularizar o antigo regime. E por que não pensar que o carnaval o perpetuava?

Segundo Benchimol (1992), as políticas econômicas do presidente Floriano Peixoto, o Marechal de Ferro, visavam consolidar a República opondo a população à numerosa e unida colônia portuguesa, acusada de financiar a insurreição monarquista e de ser inimiga das instituições republicanas e democráticas. Talvez, nesse caso, as acusações e perseguições tivessem servido para “realizar a profecia” no seio de uma comunidade também “bestializada” e que, embora unida, era muito desigual e hierarquizada, cujos pobres mal sabiam escrever, a maioria vindos de suas aldeias de Trás-os-Montes entre outras regiões do norte de Portugal.

Um grupo político florianista, chamado de jacobino, empreendeu uma violenta campanha anti-lusitana contra os comerciantes de pequenos armazéns, cortiços e trapiches, principalmente no Cais do Porto nos anos de 1893-94.

Nos anos seguintes os jacobinos passaram a atuar com crescente ferocidade, não apenas da retórica exaltada e de numerosos jornais publicados no Rio de Janeiro, como promovendo verdadeiros “pogroms” [linchamentos] contra portugueses nas ruas da cidade, onde eram perseguidos e espancados por turbas, aos gritos de “mata-galego”. As agressões eram dirigidas tanto às casas de comércio como aos trabalhadores, carroceiros e portuários etc. (BENCHIMOL, 1992, p. 186)

Um dado demográfico interessante é apresentado por Benchimol: um decréscimo na imigração lusitana entre 1891 e 1900 de 32 mil para 8.250, o que indica uma estabilização populacional da população portuguesa no país e a consolidação do processo de integração dessa colônia aos valores nacionais, pois, não há mais o retorno à “terrinha” após a prosperidade. Coincidentemente, as manifestações carnavalescas vão surgir nesse contexto de “pacificação” do porto.

Não há mais a expressão cultural de apego a Portugal, como no caso dos violentos e anti-higiênicos entrudos, mas um formato mais moderno e urbano de convivência nos cordões carnavalescos. Segundo João do Rio, em sua etnografia “etnocêntrica” das ruas da cidade, os pintores de rua escondem grandes talentos entre a Rua do Núncio e Rua São Pedro, nos arredores da antiga Igreja de São Pedro dos Clérigos e da Rua Larga (atual Rua Marechal Floriano): “São eles os autores dos estandartes dos Cordões, são eles que (os) enriquecem.” (BARRETO, 1997)

João do Rio cita os nomes de Henrique da Gama, Francisco de Paula, Malheiros, Garcia Fernandes, Viana e Colón. Todos nos cordões da Rua Larga e arredores a desfilarão vários tipos de integração cultural: o regional ao nacional; o negro ao branco; o monárquico ao republicano; e o africano e o europeu ao brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Paulo (João do Rio). *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BENCHIMOL, Jaime L. *Pereira Passos, um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do séc. XX*. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1992.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LIMA, Nelson. *Dizendo no pé: performances de brasilidade – Carmen Miranda e Pelé*. Tese de Doutorado. UFRJ/IFCS/PPGSA, 2001

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ática, 1983.

SILVA, Eduardo. *Dom Obá II D'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Nelson Lima é Doutor em Antropologia Cultural pelo IFCS/UFRJ, e Professor da Unisuam.

